

arq|a

ARQUITECTURA E ARTE

Outubro 2009 | €5,50

Es pa ços P ú b l i c o s

Risco Carme Pinós

Lapse of Time - EXD09
Candida Höfer

Académicos: Universidade Lusíada de Lisboa

Es pa ços

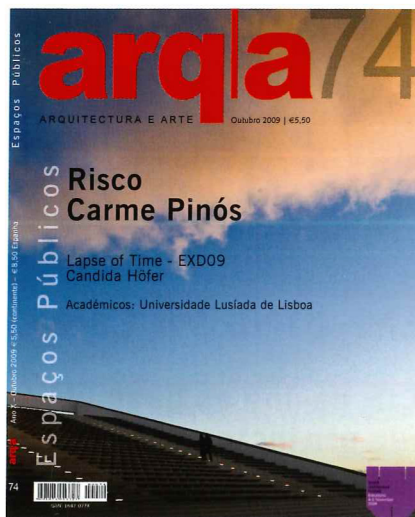


ISSN: 1647-077X

World
Architecture
Festival
Barcelona
4-6 November
2009

ÍNDICE
matérias

World
Architecture
Festival
Barcelona
4-6 November
2009



Risco, Reversão da Marginal de Ponta Delgada, Açores

06 Editorial

Luís Santiago Baptista – *Espaços Públicos: Carne Pinós e Risco*

08 News

18 Itinerâncias

Marc Latapie – *Maior a árvore, menor o espaço público?*

24 Projectos

Risco – *Reversão da Marginal de Ponta Delgada, Açores*

Risco – *Hotel e Serviços de Apoio na Doca do Bom Sucesso, Belém*

Risco – *Reversão da Área Central de Leiria*

48 Entrevista

Risco: «*Um projecto urbano é uma espécie de missão localizada no espaço e no tempo*»

38 Carne Pinós – *Caminho Pedonal em Petrer, Alicante*

40 Carne Pinós – *Parque Aromático de Torreblanca, Alicante*

44 Carne Pinós – *Torre Cube, Puerta de Hierro, Guadalajara*

52 Carne Pinós – *Edifício CaixaForum, Saragoça*

74 Crítica

Gonçalo Furtado – *Redes, fluxos e interações expandidas*

76 Design

Carla Carbonne – *Entre a emoção e a irracionalidade: Sobre a exposição Lapse of Time (EXD 2009)*

78 Artes

David Santos – *Candida Höfer: A Europa em Portugal e outros vestígios*

86 Livros

Mário Chaves

88 Materiais

Materiais fornecidos pelas marcas

92 In/Outdoors

Climatização

99 Materiais fornecidos pelas marcas

Académicos

Universidade Lusíada de Lisboa - Departamento de Arquitectura

Editor:

Futur magazine

Sociedade Editora, Lda

R. Alfredo Guisado, 39 – 1500-030 LISBOA

Telefone: 217 703 000 (geral)

217 783 504/05 (directos) Fax: 217 742 030

futurmagazine@gmail.com

arq|a

ARQUITECTURA E ARTE

www.revarqa.com – futurmagazine@gmail.com

Director

Luís Santiago Baptista

lsbaptista@revarqa.com

Redacção

Margarida Ventosa (Coordenação)

margaridav@revarqa.com

Baptista-Bastos (Opinião),

Bárbara Coutinho (Editor Design) Carla Carbone,

David Santos (Editor Artes)

Gonçalo Furtado (Editor Crítica),

Mário Chaves (Livros), Nádía R. Bento (Tradução),

Paula Melâneo, Sandra Vieira Jürgens

Director de Arte/Produção

Edmundo Tenreiro

Paginação e Imagem

Raquel Caetano

Bruno Marcelino (desenhos)

Edição web

Paula Melâneo

Direcção de Comunicação/Marketing

Maria Rodrigues

Telm. 918 203 966 • mrodrigues@revarqa.com

Publicidade – PORTUGAL

Clarinda Anágua

Telm. 919 957 890 • clarinda.anagua@revarqa.com

Jorge Reis

Telm. 917 585 310 • jorge.reis.pub@gmail.com

Maria João Melo

Telm. 968 030 327 • mjarqa@gmail.com

Publicidade – BRASIL

Jorge S. Silva

Tel. +55 48 3237 - 9201

Cel. +55 48 9967 - 4699

jssilva@matrix.com.br

Publicidade – ESPANHA

Pilar Têndero Comunicación

Tel. +34 936 918 447

info@pilartendero.com

Impressão

OffsetMais - Artes Gráficas, S.A.

Rua Latino Coelho, nº 6 - Venda Nova

2700-516 Amadora

Distribuição

Logista Portugal

Área Ind. Passil, It 1-A, Palhavã

2894-002 Alcochete

Tiragem

10.000 Exemplares

Periodicidade

Mensal

ISSN: 1647-077X

ICS: 124055

Depósito Legal: 151722/00

Os artigos assinados são da inteira responsabilidade dos autores

Redes, fluxos e interações expandidas¹

A sobrevivência da cidade e o ethos global

GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

No contexto da cidade e da cultura contemporânea, torna-se relevante observar as interferências que um contexto de “fluxos e interações expandidas” traz às cidades, assim como o papel que esses assumirão. Parece que, progressivamente, a cidade física avança no estabelecimento de relacionamentos íntimos com as suas redes físicas e digitais, conformando um METATERRITÓRIO DE INTERACÇÃO e actividade humana que se pode constituir enquanto objecto de interesse arquitectónico e urbanístico.

A cidade na sua situação contemporânea, pressupõe a existência de novas formas urbano-territoriais e a consolidação de uma cultura movida pelo imperativo da mobilidade dos fluxos e redes.

Começamos recordando, que às alternativas utopistas e reformistas ao desequilíbrio espaço-funcional e social da cidade provocado pela industrialização, foi sucedendo a proposta modernista de hiper-organização e segmentação a qual não é desresponsabilizável pelo problema centro-vs-periferia. Na actual cidade expandida, baseada no sector terciário e já não no industrial, os fluxos, a acessibilidade, a interacção, e as redes de comunicação adquirirão uma importância estratégica. E é neste sentido que Fernando Lisboa lança com clareza a hipótese: “se se admitir que as relações entre espaços de habitação, de trabalho e de consumo determinam, também, as formas da cidade então é possível estabelecer a seguinte hipótese de trabalho: que tecnologias mais eficazes para a transferência de dados, multimédia, e a melhoria da integração entre computadores e telecomunicações poderão contrariar a tendência para a especialização e para o zonamento e, conseqüentemente, reorganizar as casas e as cidades. Esta reorganização parece apresentar-se, sobretudo, como a oportunidade de reconciliar a polis com a civis, resgatando o problema da cidade da esfera do tecnicismo para o recolocar na esfera da política”. (Lisboa, 1999)

Hoje, depois dos males da industrialização e das consequências do modelo moderno, continua a mutar a forma e limite da cidade, multi-centralizada e multi-periférica conduzida pelas forças do capitalismo global. A diluição em curso das distâncias físicas e um novo conceito espaço-temporal, propicia mesmo conceber um modelo de cidade como sistema planetário de conexões físicas e digitais. Em grande medida, a meu ver, as infraestruturas de mobilidade e comunicação (cabo, satélite etc) vêm apoiar a expansão da cidade iniciada pelas físicas (de electricidade, telefone etc) e a urbanidade vertical (do elevador etc). E, conjuntamente com as infra-estruturas rodoviárias e a figura do automóvel, são as tecnologias e produtos digitais (como o ATM, o GPS, os Palm tops, etc) que asseguram o FUNCIONAMENTO e proporcionam a vida urbana das mega-aglomerações.

É interessante recordar que já nos anos 60, Yona Friedman vira na computação, entre outras tecnologias emergentes, desenvolvimentos incontornáveis, a que a arquitectura deveria atender. Segundo Friedman, a “(...) nova cidade deve adaptar-se às transformações espectaculares da técnica e aproveitar-se dessa técnica para adquirir um máximo de liberdade”; nomeadamente a possibilidade de dispersão possibilitada por transformações técnicas que lhe eram contemporâneas (como por

exemplo a organização mecânica, o cérebro electrónico, a automatização e igualmente as telecomunicações). (Friedman, 1978, p.41/43).

A “mobilidade” que proclamava Friedman na transição para a década de 60, afectava refira-se as redes de circulação e alimentação, das quais as construções se deveriam libertar. A circulação aérea seria a alternativa à rede viária, e entre todas as técnicas de alimentação necessárias à vida - i.e. “a alimentação em água e a evacuação, a alimentação em energia (...), em informação (telefone, rádio, TV)” - apenas a primeira oferecia resistência ao propósito da mobilidade. O novo tipo de aglomeração dispersa, no limite simultâneo ao “desaparecimento” da cidade per si, seria possibilitado por pilhas fotoeléctricas, incineradoras e, refira-se, através de telefones sem cabo e “encontros por televisão sem presença física”. (Friedman, 1978, p.72,73 e 74) Em suma e resumidamente, no desenvolvimento da “cidade espacial” Friedmaniana (de 1959-64) a arquitectura surge vista essencialmente como “ESTUDO DE REDES”. (A título de curiosidade, refira-se ainda o facto de, contemporaneamente a Friedman, e mais especificamente no início dos anos 60, também os Metabolistas japoneses, entre outros, desenharem um modelo urbano com bastantes semelhanças - i.e. grande cidades baseadas na ideia de células edificadas verticalmente e conectadas por redes de artérias extensivas. Nos nossos dias, e para além das múltiplas infra-estruturas já existentes (como o aeroporto, a rede de metro, etc), a arquitectura tem de lidar com mais um novo sistema estrutural, e a concepção da cidade aparece vista por muitos como um entramado de fluxos. As redes ópticas e os sistemas de comunicação formam-participam na estrutura nervosa da cidade actual, a qual articula, através de fluxos informativos, os centros de produção, de consumo, de residência, e de lazer. Para Nick West, “em certo sentido, esta é a versão da rede viária do planeamento urbano do século XXI, a sobreposição de um layer abstracto virtual em cima de uma realidade previamente existente”. (West, in: Lootsma et al, 1998, p.62) De facto, a cidade, para além dos edifícios e redes de transportes, é também constituída pelos múltiplos média e espaços virtuais para comunicação existentes, os quais se têm tornado elementos essenciais para a vida urbana metropolitana, e que criam uma realidade virtual não menos habitada que a realidade física. Certamente, West sugere que tanto o espaço físico como os média em que oscila a nossa vida, se integrarão num AMBIENTE HÍBRIDO, e dessa “(...) fusão de ciberespaço e espaço real emerge o meta espaço ou simplesmente o espaço vivenciável (...) tornando-se o ciberespaço imanente e permanente, como o espaço real com que já nos familiarizamos”. (West, in: Lootsma and alts (eds.), 1998, p.60 e 62) Pense-se a título de exemplo, como os chats e a sobreposição da nova dimensão virtual, dissolveram os limites da cidade e nos mostraram como a vivência da cidade não está vinculada a um território físico concreto. Em paralelo com as mutações dos transportes, a revolução das telecomunicações, e a fragmentação sócio-territorial, proliferam comunidades difusas suportadas em redes de conexão que asseguram sociabilidades efémeras fora do espaço físico e longe do contacto material. Os profissionais urbanistas começaram a encontrar-se pois entre a urbanidade virtual



do artefacto informativo e a urbanidade actual da cidade; como refere Virilio, “entre os requerimentos permanentes de organizar e construir o espaço real, com os seus problemas territoriais, os constrangimentos geométricos e geográficos do centro e da periferia, e os novos requerimentos de consertar o tempo real de imediaticidade e ubiquidade”. (Virilio, 1997, p.116). Refira-se e acentue-se que muito frequentemente erroneamente se tem visto a dialéctica real-virtual como algo anti-corpóreo, anti-urbano e alheio à experiência real; e não como dois territórios contíguos, duas entidades que cruzam forças como zonas sobrepostas de um mesmo território. Mas

a realidade é que temos já na cidade actual pontos de verdadeiro interface-ligação REAL-VIRTUAL (como a cabine telefónica, o ATM, o cibercafé, etc) que demonstram a experiénciação da convergência da cidade real e da cidade dos bits. Akira Suzuki, por exemplo, vê os grandes centros multimédia contemporâneos como pontos em que converge a cidade física e a metacidade, e refere o facto de estarmos perante a derradeira possibilidade de uma infra-estrutura cultural urbana. (Suzuki, u.d.) Neste sentido, Bart Lootsma, também recorda que a arquitectura e urbanismo para prosseguirem a função de acomodar e organizar a vida devem,

*Nos dias que correm, a arquitectura lida com múltiplos sistemas infraestruturais
A cidade surge vista como um entramado de fluxos e interacções expandidas, e as redes
electrónicas poderão ajudar-nos a assegurar a sobrevivência da metrópole.*

em vez de tentar validar o pensamento arquitectónico convencional num cenário completamente transformado, contaminar-se produzindo novos cruzamentos. (Lootsma, 1999)

Da feasibility de conexões telemáticas a outros locais geográficos, possibilitando experienciar acontecimentos em tempo real, emerge um tipo de experiência híbrida e um contexto de flexibilidade, conexão e fluidez onde o desempenho de funções anteriormente organizadas (exclusivamente) pelas construções materiais da arquitectura, destaca-se do seu abrigo físico/morada geográfica por intermédio de meios tecnológico-digitais. Fica comprometida a premissa espacial tradicional única do edifício e das aglomerações urbanas, já que essas não podem ser só entendidas como objectos e territórios exclusivamente materiais; mas, antes e também, como pontos NODAIS de uma rede global de conexão interactiva, englobando em si um espaço-ambiente que se dilata para além dos limites físicos do edifício ou da cidade. As auto-estradas da informação, com a capacidade de nos trazer certos serviços até casa, constituem uma inovação tecnológica, mas sobretudo uma força de mudança-mutação social. Segundo Negroponte, "a nossa vida social passará a processar-se em vizinhanças digitais, nas quais o espaço físico será irrelevante". (Negroponte, 1995) É uma visão radical e possivelmente exagerada, mas que nos fala das profundas interferências que o advento digital comporta no campo da arquitectura e que tem levado muitos, como William Mitchell, a reimaginá-la.

Com mutações como as referidas, assistimos a DESVIOS relativamente ao significado de certos aspectos que se encontravam na base da cidade; ocorrendo a diluição das fronteiras entre privado-público, natural-urbano, local-global, etc. Como bem expôs Castells, os novos sistemas de comunicação descorporalizam as espacialidades do seu "significado cultural, histórico e geográfico". (Castells, 1996, p.375) A telecomunicação e as trocas informativas instauram conexões supra-humanas e uma geografia virtual que substitui o local como denominador espaço-temporal. Podemos no limite questionamo-nos qual é o lugar da nossa cibercultura, sem a qual, segundo Lévy Straus, se perde toda a ordem do universo, para concluir, como Pimenta, que já não se trata de um sentido específico, mas da projecção da nossa ideografia planetariamente. (Pimenta, 1999, p.295) A nova civilização do "teleantropos" Pimentiano e a sua ambição a um ethos global indica e remete para a invenção então de uma telearquitectura global, na fusão das realidades sintético/virtual e real. Se para Virilio as portas da cidade deram lugar ao ecrã; para Pimenta elas volatilizaram-se como portas trans-étnicas. Derradeiramente, a arquitectura introduz-se nesta rede (física e virtual) de conexão e de mediação de uma cultura local-internacional. Mas entenda-se e acentue-se que como refere Pimenta, a "arquitectura virtual" não respeita apenas à arquitectura realizada para o ciberespaço, mas sobretudo à passagem de um ethos local a planetário e, eventualmente, um novo carácter de lugar. Nas suas palavras: "Pela primeira vez tomamos como nossas todas as tradições do planeta. Desintegramos fronteiras no espaço e no tempo. Passamos a assumir a condição da transnacionalidade e da transensorialidade. A 'matéria

prima" da arquitectura deixou de ser um ethos exclusivamente local. Assim as relações humanas saltaram da escala do automóvel-responsável pelo redesenho da família no século XX - para a escala do teleproxémico: Partindo de Edward Hall para chegar à expressão cunhada por René Berger. O espaço íntimo (...) prolongado pelos sistemas de telecomunicação (...). "Compreender a arquitectura virtual (...) da era do teleantropos, implica compreender a aspiração a um ethos global (...)". (Pimenta, 1999, p.266) Tornámo-nos em grande medida então seres cujo espaço próximo passou a dizer respeito a um espaço à distância ocupado telematicamente. A nossa cidade virtual começou a sustentar a cidade real. As redes electrónicas, telefónicas e informáticas, originam uma nova estrutura urbana que permite novos estilos de vidas, novas interacções sociais e comunidades, e que quiçá está incluso a assegurar a sobrevivência futura da metrópole. Akira Suzuki, neste sentido, deixa-nos a pergunta explícita no final de um texto: "Que redes de comunicação surgirão com o colapso das infra-estruturas físicas da cidade?" (Suzuki, 1996)

Entenda-se em suma que o ciberespaço, surgido com a infra-estrutura de informação digital e como algo decisivo para a acessibilidade da sociedade, esboça uma NOVA CONFIGURAÇÃO URBANA E SOCIAL, baseada no intercâmbio informativo e na interacção mediada por computadores, satélites e cabos a partir dos novos sistemas de telecomunicações. Como corolário da imperativa complementação actual da existência física com uma representação complementar no mundo da rede, planejar a cidade e projectar as suas arquitecturas na contemporaneidade passou a ter de a contemplar a interacção com o ciberespaço. Em "Local e global: A gestão das cidades na era da informação", Manuel Castells refere que três processos - a globalização, a informacionalização e a generalização da urbanização difusa - participam na simultânea destruição-reconfiguração da cidade como forma de organização sócio-territorial, na disseminação territorial e no aparecimento de novas centralidades. Defende também a necessidade de reencontrar o papel da cidade numa relação local-global, não excluindo a hipótese de se conformar um mundo maioritariamente disseminado em volta das grandes aglomerações e uma organização local em torno de centros (direccionais, residenciais, etc) conectados por redes de comunicação e electrónicas. (Castells, 1997) Detenhamo-nos um pouco neste trabalho de Castells. A revolução tecnológica em torno da informação é o principal suporte da globalização (fenómeno estruturado em/pela rede) e motor de um impacto profundo a variados níveis da nossa vida. E pode-se identificar como Castells que o impacto destes processos - de globalização e informacionalização - tem uma dimensão espacial explícita. De facto, ao abordar a urbanização da cidade dispersa, Castells refere a emergência de uma organização global em redes de nodos urbanos estrategicamente hierarquizados, após o que identifica uma grande diversidade de modelos espaciais. (Relativamente a estes ultimo aspecto dos "modelos espaciais, salienta-se nomeadamente: a) a formação de mega-cidades com dezenas de milhões de habitantes nos países em desenvolvimento, constituindo importantes nodos globais, embora fragmentados internamente do ponto de vista social, funcional e espacial; b) os modelos distintos das cidades europeias, onde a tendência

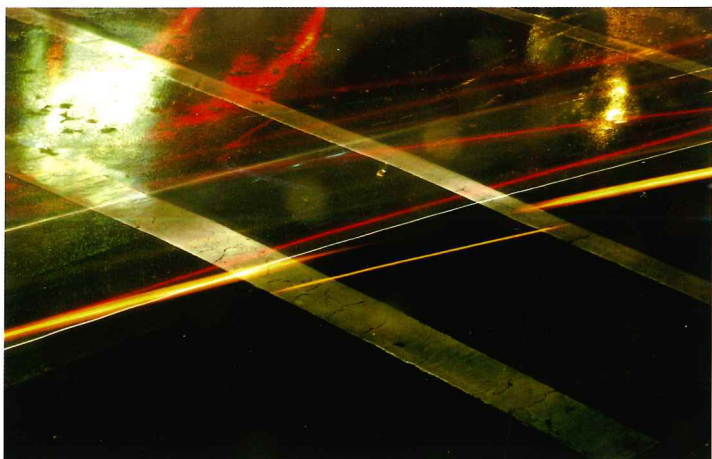


Foto: Ricardo Lima

é a articulação de velhas e novas formas urbanas); e c) das norte-americanas de “nova suburbanização”). Não se deve deixar de referir que esta transformação e reconceptualização da cidade, baseada numa articulação local-global, tem uma lógica espacial simultaneamente integradora e fragmentadora. Como refere Castells, as próprias cidades constituem-se como actores, sendo pertinente recordar-nos o facto de que várias cidades asiáticas demonstram que o êxito é ditado pela capacidade da cidade se introduzir nas redes, deter velocidade informativa e flexibilidade estrutural-inovação, mais do que pela sua posição geográfica. Neste contexto, entende-se que as novas formas de planeamento afrontem as dificuldades de governar e estruturar a metrópole e que as políticas urbanas compitam pelas oportunidades da globalização, enquanto simultaneamente, procuram atender aos efeitos desestruturantes sócio-territoriais. Relativamente ao nosso contexto, Castells refere especificamente que: “não pode falar-se (...) das grandes cidades europeias referindo-se a modelos de cidade global (...). Na Europa, deve falar-se (...) de um sistema urbano constituído por umas 40 grandes cidades e um grande número de cidades intermédias muito dinâmicas com funções importantes de centralidade, entre as quais existem funções de competência como também de complementaridade”. (Castells, 1997, p.284) Impreterivelmente, as cidades e regiões consolidam relacionamentos, interdependências, competitividades e complementaridades. Inserem-se em sistemas urbanos baseados numa lógica territorial descontínua, “(...) estruturados em função de uns nódulos - os centros urbanos, e uns eixos - os fluxos de mercadorias, pessoas, capitais e informação entre eles. O território tende a organizar-se como espaços interconectados em rede com os seus pontos fortes nos nodos urbanos”. (Castells, 1997, p.318) Compreendemos que a internacionalização das cidades comporta pois tanto sistemas urbanos como redes e fluxos. Saliente-se subsidiariamente o facto de Castells identificar que “a criação de uma INFRA-ESTRUTURA TELEMÁTICA inter-municipal é um elemento indispensável para uma estratégia de cooperação que complemente uma estratégia de competitividade”. (Castells, 1997, p.361,362) No contexto Europeu, como refere, o desenvolvimento de redes de cidades contempla a supra-estruturização telemática (constituída por telecomunicações, sistemas informáticos, teleportos, etc), como elemento essencial para a atractividade, produtividade, competitividade e colaboração económico-cultural entre cidades confrontadas com o contexto da economia global. Exemplos incluem, após os primórdios do “Reseau villes moyennes” em França, casos recentes em que cidades centrais se ligam a localidades longínquas através de fibra óptica e teleportos (ex: Roubaix a Lille); grupos de cidades que estabelecem sistemas telemáticos comuns (em Inglaterra) e grupos de telecidades que desenvolvem a cooperação intermunicipal recorrendo à telemática (ex: a rede Eurocidades, em que Barcelona participa, ou a European Regions Network for the application of communications technology).

Como vimos aludindo, assistimos já ao estabelecimento de uma intimidade entre REDE E LUGAR ESPACIAL. Á semelhança do que Granham referiu “(...) não há um ciberespaço singular, unificado, sobretudo há múltiplas

redes heterogéneas, onde as telecomunicações e informação estão profundamente relacionadas com os actores humanos e outras tecnologias, em sistemas sócio-técnicos de relações sobre o espaço”. (Graham, 1998). Trata-se de uma diversidade interligada de infra-estruturas físicas de tecnologias de informação, que suportam redes e ligações entre espaços e actores. Ligações tão íntimas, que “definir espaço e lugar separadamente das redes tecnológicas cedo será tão impossível como definir redes tecnológicas separadamente do espaço e lugar. (...). Assim (...) que o lugar se imbua num grupo de processos espaço-temporais, bairros, cidades e regiões, conseqüentemente, não poderão ser examinados independentemente das diversidades espaço-temporais que tal processo contém (...)”. (Graham, 1998)

CASTELLS, Manuel, BORJA, Jordi. *Local y global: La gestión de las ciudades en la era de la información*, Madrid: Taurus, 1997.

CASTELLS, Manuel. *The rise of the network society*, London: Blackwell Publishers, 1996. (Veja-se também: CASTELLS, Manuel, *The Informational City: Information Technology, Economic Restructuring, and the Urban-Regional Process*, Oxford: Basil Blackwell, 1989.)

FRIEDMAN, Yona. *Arquitectura móvil*, Barcelona: Poseidon, 1978.

GRAHAM, Stephan. *The end of geography or the explosion of place? conceptualizing space, place and information technology*, 1998.

LISBOA, Fernando. «WWW Arquitectura», Porto, 1999. (Policopiado fornecido pelo autor).

LOOTSMA, Bart, ET ALTS eds. (Lynn, Muller, Mensal, West e Wegner), «Media and architecture», Rotterdam: The Berlage Institute, 1998.

LOOTSMA, Bart. «Hybrid space: emergent dimensions, information technologies and evolutionary architectures», in: ZELLNER, Peter. *Hybrid space: new forms in digital architecture*, Londres: Thames & Hudson, 1999, p.7-16. (Veja-se também: LOOTSMA, Bart. «The computer as camera and projector», in: AAVV, *Archis* 11, 1998.)

MITCHELL, William. “City of bits”, Massachusetts: The MIT Press, 1995

MITCHELL, William. *E-topia*, Massachusetts: The MIT Press, 1999.

NEGROPONTE, Nicholas. *Ser digital*, Lisboa: Caminho, 1995.

PIMENTA Emanuel, *Teleantropos*, Lisboa: Estampa, 1999

SUZUKI, Akira, «Centros multimédia», in: AAVV, *Quaderns*, Nº221, Barcelona. (Veja-se também: SUZUKI. «Tóquio, novas estruturas urbanas», in: *UIA 96 - Presente I futuros, Arquitectura a les ciutats*, Barcelona: COAC/ CCCB/ Actar, 1996).

VIRILIO, Paul, *Open sky*, New York: Verso, 1997 a.

VIRILIO, Paul, *El cibermondo, la política de lo peor*, Madrid: Cátedra, 1997 b. ■

¹ O presente texto baseia-se numa investigação realizada em Espanha durante 1999/2000, com o apoio de uma bolsa de mestrado da Fundação para a Ciência e Tecnologia. O texto é um excerto de artigo apresentado em 2007 durante Colóquio da Universidade Fernando Pessoa do Porto, e estará incluído nas respectivas Actas que aguardam publicação.